

**A estética barroca do Latim da *Clavis Prophetarum*
do P. António Vieira**

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO
Universidade de Lisboa

Na cidade da Baía, ao raiar do dia 18 de Julho de 1697, faleceu, após três dias de intensa febre, o Padre António Vieira. Entre os seus papéis estava uma obra incompleta que é assim descrita no «Index Manuscriptorum P. Antonii Vieyra, quae post mortem in ejus cubiculo inventa sunt»:

«1^s. *Clavis Prophetarum de Regno Christi in Terris consummatum Libri tres.*

1^s. agit de ipso Christi Regno, hoc est de ejus in terris consummatione; 2^s de tempore quo et quando consumandum est, et quandiu duraturum est. Horum 1^s et 2^s fere absoluti sunt. 3^o perficiendo allaborabat. Pro quo absolvendo extant:

2. Promptuarium 1^{um} de vera Prophetia et Judaeorum conversione

3. Promptuarium secundum de Generali mundi conversione, hoc est gentium, Haeticorum, et Judaeorum.

4. Promptuarium 3^{um} Fragmentorum ad Christi Regnum spectantium.»

Em suma, dessa obra na qual Vieira tinha vindo a meditar e a trabalhar, intermitentemente, durante os últimos 50 anos da sua vida,

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 1 (1999) 105-131

restavam três livros: dois, o primeiro e o segundo, praticamente acabados («fere absoluti»); o terceiro ainda não estava concluído; Vieira trabalhava na sua conclusão («3º perficiendo alloborabat»). Mas o que a lista das coisas manuscritas nos diz é que havia elementos redigidos que diziam respeito à conversão dos Judeus e à conversão universal de hereges e gentios, elementos que parecem integrar os actuais capítulos 8º e 9º. É absolutamente certo que alguém preparou a edição e teve de organizar editorialmente, pelo menos, o livro terceiro. O que de modo algum significa que a sua intervenção tinha ido além disso.

Sabemos que o encarregado de o fazer foi o Padre António Maria Bonucci, o qual, aliás, tinha servido de Secretário a Vieira nos últimos tempos da sua vida, especificamente para colaborar com ele na conclusão da *Clavis Prophetarum*. É o próprio Vieira que o diz numa carta ditada a 13 de Julho, cinco dias antes de morrer, dirigida ao Superior-Geral dos Jesuítas. Segundo as suas próprias palavras, Vieira está privado de «quase toda a faculdade de ver e de ouvir». Ainda segundo as suas palavras, «Nesse estado, embora semimorto», concluiu, ditando, o duodécimo volume dos sermões. Ditando, insisto. Passo a ler, em tradução, o excerto dessa carta, em que se refere directamente à *Clavis*:

Nas elucubrações, em que de há muitos anos a esta parte afincadamente medito acerca da Consumação do Reino de Cristo na Terra, trabalha juntamente comigo, empenhadamente, o Padre António Maria Bonucci, o único que eu escolhi, com vénia do Padre Provincial, como capacíssimo de suportar um trabalho ingrato, pessoa de índole muito dócil em quem as qualidades de engenho, discernimento e de estilo concorrem com o requinte da erudição, de tal sorte que considero como suprema felicidade tê-lo chamado a concluir esta obra. Apoiado no zelo deste

homem e no seu empenho espero, sob o auspício da divina Majestade, no próximo ano dar a última demão a esta dissertação, há tanto tempo iniciada, e colocar-lhe um ponto final.

Desta carta, além do tom melancólico de quem via chegar a vida ao fim, a falta de saúde, ressaltam também a lucidez mental e os projectos que Vieira tem entre mãos. Um deles era a preparação do duodécimo volume dos sermões, que acabou por chegar a Lisboa no mesmo barco que trouxe a notícia da sua morte. O outro projecto era o da *Clavis Prophetarum*, que aqui aparece designado como «elucubrações [...] acerca da *Consumação do Reino de Cristo na Terra*». A mesma carta informa-nos que Vieira ainda não concluiu a obra e que espera pôr-lhe um ponto final, no ano seguinte, isto é, em 1697/98. Mas Vieira morreu cinco dias depois, e a obra não foi concluída.

Por outro tipo de correspondência sabemos no entanto que o que estava escrito foi encerrado numa caixa com duas fechaduras. Uma das chaves foi entregue ao Superior dos Jesuítas da Província do Brasil, a outra ao director do Colégio da Baía, para que a caixa só pudesse ser aberta em presença de duas pessoas e assim se salvaguardasse o seu conteúdo.

No ano seguinte ao da morte de Vieira, o Padre Bonucci, seu ex-secretário, foi encarregado de elaborar uma cópia da *Clavis* para o Geral da Companhia, cargo ocupado na altura pelo Padre Tirso González, 5º sucessor de Santo Inácio de Loiola. Dessa cópia existe um exemplar bastante mutilado em Roma, e uma cópia desta cópia em Lisboa.

Em 1714, a caixa, que ficara na Baía à morte de Vieira, foi remetida para Lisboa. O manuscrito de Vieira foi entregue pelo Inquisidor-Geral, o Cardeal D. Nuno da Cunha, ao Padre António Casnedi, para que dele fizesse uma qualificação, diríamos um relatório, ou parecer teológico. Casnedi, muito favorável a Vieira, fez

uma descrição pormenorizada do manuscrito, do seu estado de incompletude. Provavelmente alguém terá mexido nos papéis de Vieira e baralhou os cadernos. A impressão que se tem não se afigura muito diferente daquela que se extrai da «Lista das coisas manuscritas», que há pouco citei. É quase certo que Casnedi, além do relatório que lhe foi pedido por D. Nuno da Cunha, preparou uma cópia confrontando o original que tinha em seu poder com uma cópia do exemplar enviado para Roma no ano de 1699, para Tirso González. É isso o que dão a entender catorze dos dezasseis manuscritos que conheço.

Entretanto o original perdeu-se. A primeira edição da *Clavis* está prestes a sair, edição crítica com tradução. Há dois nomes que eu gostaria aqui de lembrar. O primeiro é o de Margarida Vieira Mendes, falecida já lá vão quase dois anos, pela mão de quem fui lançado nesta empresa de preparar, juntamente com ela, e de traduzir o texto. O segundo é o do Padre João Pereira Gomes, S. J., que desde há muitos anos vinha silenciosamente transcrevendo o texto, identificando e recolhendo reproduções dos manuscritos da *Clavis*.

Esta introdução era absolutamente necessária para se entender a importância que pode vir a assumir um estudo pormenorizado do latim da *Clavis Prophetarum*, para se poder determinar o que é e o que não é de Vieira. Este é um primeiro ensaio, ainda muito rudimentar, elaborado exclusivamente a partir do texto do livro III, por ser aquele que suscita maiores dúvidas.

E começo taxativamente, sem perigo de errar: os quatro primeiros períodos que abrem o livro III não são de Vieira. Basta lê-los com atenção:

Exposuimus libro antecedenti, in quo Regni Christi in terris consummatio consistat, simulque fuse probavimus ex sacra auctoritate hanc perfectam Regni Christi in terris consummationem a nobis sperandam. Modo nobiliores hujus

perfectissimae Christi Regni in terris consummationis dotes et praerogativae a nobis tradendae, et illustrandae. Quibus illustratis facillime conjici poterit tempus, quo ea perfectissima consummatio complenda erit. Tunc enim, et non alias complenda, quando vaticinatae a Prophetis perfectissimae hujus consummationis dotes impletae perspiciantur.

(No livro anterior expusemos em que é que consiste a consumação do Reino de Cristo na terra e ao mesmo tempo provámos abundantemente com a autoridade da Escritura que devemos ter esperança nessa mesma perfeita consumação do Reino de Cristo na terra. Agora devemos apresentar e explicar as mais nobres excelências e prerrogativas desta perfeitíssima consumação. Explicados estes aspectos, com a maior facilidade se poderá conjecturar o tempo em que essa perfeitíssima consumação se deve completar. Então e não em outra altura se devem realizar essas coisas, só quando se virem cumpridas as excelências desta consumação perfeitíssima vaticinadas pelos Profetas.)

Esta introdução ao texto resume em duas palavras o que foi dito no livro anterior: «No livro anterior expusemos em que é que consiste a consumação do Reino de Cristo na terra». Foi pois escrita pelo primeiro organizador do texto. A seguir insiste em que ficou provado «que devemos ter esperança nessa mesma perfeita consumação do Reino de Cristo na terra.» E passa, de imediato, ao plano do livro III, cujo objectivo é apresentar as excelências «desta perfeitíssima consumação». E o texto continua, em tom monocórdico, a dizer que só depois de assentes estes aspectos se poderá conjecturar quando se realizará «essa perfeitíssima consumação», que só será possível «quando se virem cumpridas as excelências desta consumação perfeitíssima».

O que salta imediatamente à vista é que, em meia duzia de linhas, aparece repetida cinco vezes a palavra *consummatio*, além de outras repetições como *perfectam*, *perfectissimae*, *perfectissima*, *perfectissimae*, e *dotes*. O ritmo é empastado. A ideia não flui. O estilo não é o de Vieira. Não brilha aí o génio da sua escrita nem o desembaraço da sua exposição. Trata-se com toda a certeza de uma dessas tiradas aqui metidas à força por quem teve necessidade de ligar entre si textos que Vieira tinha redigido, mas cujas partes não teve tempo para encadear explicitamente.

Aliás, se o organizador tivesse reparado bem, teria verificado que as palavras com que se iniciava o capítulo, antes da sua intervenção, são de facto uma introdução, em que de uma forma genial se faz apelo à imaginação do leitor, se tenta, sem o dizer, levá-lo a continuar a leitura e se faz a divisão da matéria: primeiro afastar as dificuldades (isto é, as opiniões contrárias); depois, desenvolver uma exposição apoiada nas sagradas escrituras. Não há, porém, referência ao livro segundo. Disso se apercebeu o organizador dos papéis. E, provavelmente, apercebeu-se também de que na expressão aqui utilizada por Vieira, «*in limine libri hujus*», o conteúdo deste livro não vai além do dos dois primeiros capítulos, que deviam de facto constituir apenas uma unidade.

O que Vieira se propõe neste início do capítulo I é discutir se é lícito «perscrutar o tempo», tentar saber quando é que se vai implantar o Reino de Cristo na terra. Em outros dos seus escritos, voltados para um messianismo de raízes nacionalistas, vira esse tempo próximo da sua época, durante o reinado de D. João IV, a quem atribuíra um papel fundamental nessa implantação. Quando D. João IV morreu, falara da sua ressurreição para poder cumprir a sua missão, profetizada por Bandarra. O resultado foi o que se sabe. Vieira acabou a contas com a Inquisição, e a desdizer-se ou a corrigir o seu pensamento, dizendo que tais afirmações, as fizera para consolar a rainha viúva pela morte d'el-rei.

Por isso mesmo ao iniciar o capítulo com a temática da perscrutação do futuro, evoca a imagem dos fantasmas que correram ao encontro de Eneias, quando este iniciou a descida aos infernos:

Videre mihi videor in limine libri hujus scriptam grandioribus litteris et prae foribus veluti affixam sententiam illam Christi non est vestrum nosse tempora, vel momenta, quae Pater posuit in sua potestate: unde merito timendum sit, ne studiosus, et avidus Lector divino hoc oraculo percussus in vestibulo ipso novae disputationis aliquantulum subsistat, atque ab ingressu deterreatur. Quapropter opportunam me operam facturum, et loco necessariam duxi, si prius ingressum ipsum diligenter praemuniam; perviumque et ab omni incursu malo tutum ostendam neque ibi trepidandum esse ubi non est timor. Neminem autem existimare velim, temere me et sine magna causa in hanc suspensionem incidisse, cum id ipsum aliquando meditati talia se mihi objecisse viderim sive horroris, sive erroris monstra, qualia vestibulum ante ipsum, primisque in faucibus Orci obvia habuisse fingitur vir ille pius qui sibyllino fultus oraculo, et ramo aureo munitus ad Elysios properabat. Enim vero quemadmodum iste fatidica voce admonitus omnes illas horribiles visu formas nihil aliud esse didicit, quam umbras quasdam vanas, atque inania terriculamenta; ita plane hic inveniet pius Lector, neque stricto gladio opus esse ad ea exsufflanda potius, quam ferienda. Quare objectis primum iis, quae aliquid difficultatis atque horroris prae se ferre videbuntur, deinde illud, quod tenendum est, non ex sibyllinis foliis, quae turbata volant rapidis ludibria ventis, sed ex sacris fontibus veritatis, hoc est ex divinis paginis hauriemus.

(Parece-me ver no limiar deste capítulo, escrita em letras maiúsculas e como que afixada na portada, a célebre

frase de Cristo: Não vos pertence a vós saber os tempos e os momentos que o pai reservou ao seu poder.¹ Por tal motivo, com fundamento se deve temer que o leitor interessado e ávido, atingido por este divino oráculo no vestibulo da nova disputa, pare um pouco e seja impedido de entrar. Por isso, considere que havia de fazer obra oportuna e indispensável a este passo, se primeiramente, com todo o cuidado, fortificar o acesso com toda a diligência, mostrando que é transitável e está livre de toda a incursão perniciosa e que não há que temer onde não há temor.

Não gostaria que alguém pensasse que eu caí nesta suspeição precipitadamente e sem grande motivo, quando de facto, ao meditar nisso mesmo, vi lançarem-se contra mim tais monstros de horror ou error, quais imagina ter encontrado à entrada do vestibulo e nas primeiras fauces do Orco aquele piedoso varão² que, apoiado no oráculo sibilino e protegido pelo ramo de ouro, se dirigia para os Campos Elísios. Com efeito, assim como ele, avisado pela Sibila, ficou a saber que todas aquelas formas horríveis à vista nada mais eram do que umas sombras vãs e espantalhos sem consistência, assim também o pio leitor aqui achará absolutamente o mesmo, e que não precisa de empunhar a espada para dissipar, mais do que para ferir, esses fantasmas. Por isso, atacando em primeiro lugar aquilo que parece apresentar alguma dificuldade e horror, iremos depois buscar aquilo que devemos sustentar, não às folhas sibilinas que voam como joguetes arrastadas pelo rápidos

¹ Act. 1. 7

² Vieira refere-se a Eneias, «o piedoso varão», e à sua descida aos infernos. Durante esse percurso, Eneias é atacado por sombras e fantasmas, «vidas sem corpo, formas inconsistentes»: Vergílio, *Eneida*, 6. 268-294.

ventos, mas às sagradas fontes da verdade, isto é, às divinas páginas.)

Vieira imagina ver à entrada deste livro, ou deste capítulo, escrito em grandes letras, como que um aviso, dizendo: *non est vestrum nosse tempora, vel momenta, quae Pater posuit in sua potestate*. O ambiente é dantesco, e provavelmente a sugestão. Vergílio e Dante, portanto, ressoam em uníssono. E não passo adiante sem dizer que esta capacidade para fazer ressoar em simultâneo reminiscências de vários textos é já uma característica do estilo de Vieira.

O limiar deste capítulo está, pela sua matéria aparentemente perigosa e suspeita, ameaçado de todos os «horrores», daqueles horrores que ameaçavam Eneias na *Eneida* e Vergílio na *Divina Comédia*. Começa, assim, Vieira sob o signo do grandioso («grandioribus litteris»), do hiperbólico, de um quadro desenhado com as cores dos textos evocados. A partir daqui não há quase palavra ou expressão que não tenha em si uma dupla força de significado: o que lhe é próprio e o que lhe vem da sugestão alheia.

O «avidus Lector», ou «pius Lector», (*Lector* com maiúscula em sete dos doze manuscritos colacionados), encontra-se diante do letreiro ameaçador afixado «prae foribus», correndo o risco de se quedar no vestíbulo da obra, incapacitado de entrar, «divino hoc oraculo percussus». A função de Vieira, nestes dois primeiros capítulos, é proteger a entrada, afastando para longe os «horroris sive erroris monstra».

Tudo aqui é barroco, desde as marcas de intertextualidade, ao requintado do enquadramento e à paronomásia *horroris, erroris*. Há uma aproximação intencional entre as «fauces do Orco» e o «limiar deste livro», entre o «pius vir» e o «pius Lector», entre «sybillinis foliis» e «diuinis paginis». É todo este conjunto de recursos retóricos que não deixam lugar para dúvida quanto à autoria deste texto. Para utilizar uma expressão de António José Saraiva, aqui

temos um exemplo de «discurso engenhoso», tão abundante nos sermões de Vieira.

O que mais sobressai aqui é a imagem global, que funciona como referência sugestiva e que, pelas correspondências sugeridas, gera significados implícitos e como que serve de ilustração ao discurso argumentativo. A ameaça ou acusação de que este livro pode conduzir aos infernos da heresia e do erro, não passam de pura fantasia, tal como as «horribiles visu formas» que amedrontavam Eneias não passavam de sombras vãs e espantelhos sem consistência — «umbras vanas, atque inania terriculamenta».

Uma observação mais de pormenor leva-nos a ver que os sintagmas se organizam em pares opostos. De um lado estão as «horribiles formas», com uma consistência, pelo menos psicológica, ainda que suposta; do outro, as «umbras vanas» e os «inania terriculamenta», enquanto horrores desmitificados. Estas duas expressões, além da sinonímia, estão ligadas entre si pelo quiasmo. Outro processo de aproximar pares de expressões, neste caso de significados opostos, é o isocólon constituído por «ex sybillinis foliis» / «ex divinis paginis», onde, além do mais, entra em acção, subtilmente, a assonância da última sílaba em *sybillinis* e *divinis*. O relevo que aqui se lhes dá deve-se ao facto de que essas duas palavras ocultam significados antitéticos — falsidade do paganismo, verdade das Escrituras —, reforçados pela diferença entre *foliis* e *paginis*. Da ambiguidade de *foliis* — folha de livro ou folha de árvore —, por uma espécie de acrobacia vieriana, nasce outra imagem: a das folhas arrastadas pelo vento como joguetes. Em contraposição, as folhas da Escritura são designadas por páginas, não arrastadas pelo vento como as folhas, o que permite dizer delas, reforçando a antítese, que são a fonte estável da verdade.

Assim se produz o significado, rico, agudo, subtil e vário, neste texto latino do Padre Vieira. Um significado que se oculta por detrás da superfície das palavras, e para além delas.

E antes de passar a outro tipo de texto, ainda que sem ter esgotado toda a riqueza deste, chamarei a atenção para o ritmo da frase. Vieira não utiliza aqui a prosódia clássica, com a sequência de longas e breves nas cláusulas da frase. O que aqui temos é um modelo de ritmo medieval, construído segundo as leis do *cursus*: *cursus planus* (acento na 2ª e na 5ª sílaba a contar da pausa para trás); *cursus tardus* (acento na 3ª e na 6ª); *cursus disjunctivus* (acento na 2ª e na 6ª); *cursus velox* (acento na 2ª e na 7ª). São estas cadências que dão aos finais da frase uma sensação de harmonia e plenitude. Veja-se, a título de exemplo: **aliquantulus subsistat** (2ª-6ª); **ingressu deterreatur** (2ª-7ª), **diligenter praemuniam** (3ª-6ª); **tutum ostendam** (2ª-5ª).

Esta observação é extremamente importante, porque, por um lado, nos dá mais um elemento para ajuizarmos do sentido estético da prosa latina de Vieira, e, por outro lado, seguindo, não a prosódia clássica mas a medieval, nos informa que ele formou muito do seu estilo, e não apenas do seu pensamento, na leitura dos Santos Padres.

No núcleo que acabamos de analisar é visível uma teoria literária, baseada na supremacia do engenho e da agudeza. O que importa são as relações, as concordâncias, ou consonâncias entre texto evocado e texto produzido. Os recursos retóricos são apenas meios de estabelecer relações, nem sempre lógicas, entre conceitos extremos, ou extremos do mesmo conceito. Nisso consiste a agudeza conceptista.

Na *Clavis Prophetarum* há núcleos privilegiados em que Vieira dá lugar a uma enorme profusão desses recursos. Mas mesmo que se trate de um conceito vulgar, há sempre um aspecto que pode autorizar esse percurso geométrico entre conceito e conceito, ou, melhor dito, entre partes do mesmo conceito.

Assim sucede na argumentação desenvolvida contra a legitimidade de se perscrutar o futuro. Vieira começa por afirmar que toda a gente sabe que, nos Profetas, as palavras mais comuns

dissimulam significados muito diversos daqueles que emergem à superfície:

Neque enim dies apud ipsos significat diem, aut hora horam, aut hebdomada hebdomadam, sicut neque annus annum, aut saeculum centum annos, aut tempus ipsum, quod indefinitae significationis est, indefinitum tempus, sed definitum.

(Neles, efectivamente, dia não significa dia; ou hora, hora; ou semana, semana; assim como ano não significa ano; nem século cem anos ou o próprio tempo que é de significação indefinida significa tempo indefinido, mas sim definido.)

Neste tipo de raciocínio quebra-se a relação entre palavra e coisa, para se dar relevo a um outro tipo de relações intrínsecas ao próprio discurso, como se os Profetas fossem pré-teorizadores do conceptismo seiscentista. A consideração da relação objectiva entre significado e significante é superada no discurso pela organização da matéria linguística. É visível a gradação, primeiro decrescente, dos termos *dies, hora*, depois, crescente, de *hebdomada, annus, saeculum, tempus*. Umas linhas antes, esses mesmos termos apareciam organizados simetricamente em dois grupos trimembres: gradação descendente no primeiro membro — *tempus, dies, hora* —, ascendente no segundo — *hebdomada, annus, saeculum*. Num e noutro caso sobressaem os contornos geométricos de um desenho semântico concebido para impressionar e reforçar na mente do leitor a *vis* argumentativa. Interessa menos o significado do que a moldura esquemática desenhada pelas palavras, que vai sendo retomada e alterada, por uma espécie de preocupação com a *variatio* dos esquemas utilizados. Da enumeração que se segue às que acabo de mencionar constam apenas dois elementos: *dies, annus*, pois que os restantes são condensados no termo globalizante *reliqua vocabula*.

Chegado a este ponto, não estranhará o leitor que seja enunciado um princípio que é uma perversão total da relação entre significante e significado: «[...] sed unum sit quod sonant, aliud quod significant». A conclusão que Vieira formula é que, no caso do discurso profético, é impossível qualquer tipo de conhecimento extraído do significado das palavras: «[...] manifestum est nihil nos inde colligere posse aut statuere». E logo a seguir, num clímax paradoxal:

*Ex quibus plane concluditur, certe concludi videtur,
praesentem disputationem atque adeo totam materiam libri
hujus de re esse inutili et vana ac pene puerili.*

*(De tudo isto se conclui claramente, pelo menos parece
concluir-se, que a presente disputa e toda a matéria deste
livro versa sobre uma coisa inútil, vã e pueril.)*

Escusado será dizer que esta forma de negar os fundamentos da argumentação apoiada em sentidos visíveis nada mais pretende do que legitimar outro tipo de evidências fundadas nos sentidos ocultos do texto, ao qual se chega pela decifração dos vários significados possíveis que ele encerra: histórico, alegórico, moral e anagógico. Todo este aparelho conceptual veio dos estóicos, passou pela patrística e cristalizou-se na escolástica; mas Vieira fez dele mais um instrumento de análise que integrou em toda a panóplia de recursos do discurso barroco. Foi essa armadura de conceitos como figura, pré-figura, tipo e protótipo, que lhe permitiu avançar na interpretação das Escrituras muito além do que seria permitido pela simples utilização da interpretação literal.

Em certos aspectos, o barroco conserva grandes franjas de escolasticismo. Em Vieira essa influência é óbvia. Uma das formas de desenvolvimento que utiliza é bem prova disso. Refiro-me às *distinctiones* e *divisiones*. Margarida Vieira Mendes chamou a atenção para este aspecto da armação discursiva de Vieira. No caso de que nos

ocupamos, Vieira declara expressamente: «distingendum est»; e logo a seguir explicita o objecto da distinção: «inter res futuras revelatas et earum revelationes»; e além disso, enuncia o fundamento da distinção — «quae in quadruplici sunt differentia» —, para se deter na enumeração das combinatórias possíveis, tendo em conta a *res*, a *revelatio* e o *tempus notatum*. A anáfora *aliquando... aliquando... aliquando... aliquando...* marca o ritmo da exposição.

Não importa aqui seguir os conteúdos, mas sim a forma. Qual estrutura lógica pré-determinada, o discurso nasce do discurso por uma espécie de auto-geração. Daí o enunciado de uma exposição marcada pela cadência dos argumentos: «Dico igitur primo [...] Dico secundo [...] Dico tamen tertio [...] Dico quarto [...]». Pelos interstícios desta estrutura perfeitamente escolástica, vão deslizando as citações da Escritura, as imagens, as reminiscências clássicas, as opiniões dos Santos Padres, até que, finalmente, de subtileza em subtileza, de conceito em conceito, de relação em relação, Vieira conclui:

Non enim dicimus idem tempus eodem modo posse sciri et nesciri, sed non posse sciri determinate, indeterminate vero posse.

(Com efeito, não dizemos que o mesmo tempo pode saber-se e não saber-se do mesmo modo, mas sim que não pode saber-se determinadamente, podendo porém saber-se indeterminadamente.)

O leitor é levado, sem qualquer dificuldade, a admitir tal afirmação. Não há passos em falso. O que pode haver é uma selecção de dados numa óptica favorável à tese que Vieira pretende demonstrar; não se trata de distorcer, mas de encaminhar, os argumentos e os leitores, para a conclusão: o mundo está velho, o fim aproxima-se, avizinha-se o tempo do anticristo.

Para argumentar, Vieira não se contenta com provas escriturísticas e patrísticas. O texto que produz não é um comentário a outros textos. Por um processo barroco típico, a Natureza e a História são outros tantos textos de que se extraem provas tão válidas como as da Escritura.

Há uma constante do discurso de Vieira, seja nos sermões, nas cartas, na *História do Futuro*, seja, e é-o muito mais, na *Clavis Prophetarum*, a que poderíamos chamar algo como sematologia, entendendo por esta palavra a inquirição do significado dos sinais que se manifestam nos acontecimentos, nos factos da história e nos fenómenos da natureza. É como se todo o universo não textual se tornasse num enorme texto, onde estão inscritas indicações precisas sobre a instauração, nesta terra, dessa nova ordem, desse mundo novo de paz e justiça, de plenitude, em que Vieira acreditava profundamente. Não deixa de ter presente que «Acerca daquele dia e daquela hora, ninguém sabe nada, nem mesmo os Anjos do céu» (*Marc. 13*). Mas, apesar disso, insiste:

Hoc tamen decretum minime obstat quominus de fine durationis mundi opinari possimus probabiliter, non quidem definiendo diem aut horam, nec mensem item et annum (quod perinde esse videtur in sensu Christi) sed tempus quoddam latiori et morali modo acceptum, certo tantum termino indeterminate praefixo.

(Este decreto de modo algum impede que possamos opinar com probabilidade acerca do fim da duração do mundo, não definindo o dia ou a hora, nem o mês e o ano (o que igualmente parece estar no sentido do que disse Cristo), mas um tempo entendido de forma mais lata e moral, apenas com um termo pré-fixado indeterminadamente.)

Não houve tempo como o de Vieira, nem século como o XVII, que se tenha preocupado tanto com o fim do mundo. Era um

sentimento geral. Em tudo se procuravam sinais pré-anunciadores. Mas como conjugar esta atitude, que é sumamente a de Vieira, com a palavra de Cristo — « [...] nem mesmo os Anjos do céu»?

De uma forma subtil o Padre Vieira joga, por um lado, com a dissociação entre significante e significado, e, por outro lado, com a possibilidade, daí decorrente, de procurar o significado na leitura da realidade que o significante linguístico encobre. E daí a conclusão: «aquele desconhecimento» (o que é imposto pela palavra de Cristo) «não colide com este conhecimento» (aquele que se procura obter identificando e desvendando os sinais do texto da Natureza e da História).

Não podemos negar que há uma extraordinária exibição de virtuosismo na textura do discurso de Vieira, virtuosismo que lhe advém em parte da interpretação subtil dos sinais, divididos em próximos e remotos, e encadeados logicamente por processo que nos pode parecer abusivo. Este encadeamento lógico, como observou António José Saraiva, não é simples forma do discurso, mas a própria matéria dele. É ele que dispara o raciocínio e o faz saltar de proposição em proposição, até mostrar como verdade revelada aquilo que antes parecia afirmação herética, duvidosa, vã e pueril. O propósito de Vieira ao evocar Eneias diante dos portões do Orco era tranquilizar o leitor, contra todas as ameaças e fantasmas. O primeiro passo firme dado neste sentido, depois de uma dezena de páginas de argumentação contra e a favor, está numa sentença lapidar: «Por isso, Cristo não só concedeu, mas também quis que procurássemos saber se o fim do mundo está próximo ou distante.»

Como nos sermões, também na *Clavis* tudo se encaminha para a persuasão. Sem ela seria impossível que o *pius Lector*, assustado com as ameaças de suspeita de heresia, continuasse a leitura. A estratégia de persuasão é, assim, com toda a evidência outro dos vectores que determinam o modelo de composição seguida. Primeiramente foi necessário reinterpretar a proibição de Cristo —

«nem mesmo os Anjos do céu» —, com a aplicação de novas chaves à leitura da Bíblia, no seu conjunto, e, particularmente, à leitura dos Profetas. Daí o título *Clavis Prophetarum*. Um segundo degrau dessa estratégia foi colocar do lado da tese defendida a série dos «varões piíssimos e santíssimos», promovidos à categoria de oráculos, cujos textos são chamados em apoio do pensamento de Vieira, «sem ofensa daquele divino arcano», da referida proibição de Cristo. Vieira acumula nomes sobre nomes, em abundância, numa espécie de exibição feita para impressionar. Mas antes de entrar na exposição e análise das suas abonações, volta à frase de Cristo, como que para afastar os últimos fantasmas e dotar o leitor de uma chave interpretativa:

Sed redeamus ad primam et solam justitiam ac veritatem. Idem Christus qui dixit: de die illo vel hora nemo scit: dixit etiam: vigilate quia nescitis diem neque horam. Quis autem dicat qui ex morbo, vel senectute de mortis propinquitate serio judicant et multo minus medicae artis peritos de die etiam atque hora definite praenuntiantes arguendos? Si quis vero huic similitudini non satis acquiescat, cum verba ipsa et sententia simillima sint, neque idoneam consequentiam fieri putet a mundo parvo ad magnum, hoc est, ab homine ad mundum, audiat sanctiores ac sapientiores mundi Magistros, de morbis et senectute ejusdem mundi atque adeo de ejus interitu non aliter philosophantes.

(Mas voltemos à primeira e única justiça e verdade. O mesmo Cristo que disse: acerca daquele dia e daquela hora ninguém sabe nada, disse também: vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora. Mas quem dirá que devem ser censurados aqueles que, com seriedade, ajuízam da proximidade da morte a partir da doença ou da velhice e aqueles que, sendo

embora muito menos experientes na medicina, pré-anunciam exactamente o dia e até mesmo a hora. Mas, se alguém não estiver suficientemente de acordo com esta comparação, embora as palavras e a ideia sejam absolutamente idênticas, e considere que não se podem tirar ilações válidas do microcosmos para o macrocosmos, isto é, do homem para o mundo, ouça os mais santos e sábios mestres do mundo, que filosofam desta maneira acerca das doenças, do envelhecimento do mundo, e, por consequência, do seu desaparecimento.)

Desta textura comparativa ressalta a proporcionalidade entre o *micro* e o *macro*, entre o homem e o universo, entre o médico e o exegeta. Aquele diagnostica doenças a que se segue, às vezes, a morte; este procura na Escritura, na evolução dos acontecimentos, em múltiplos sinais, doenças, guerras e cataclismos, marcas de envelhecimento que pré-anunciam o desaparecimento do mundo.

É esta uma das estratégias de Vieira. É ela que justifica a inclusão de textos de autores como S. Gregório que, com Santo Agostinho, teve uma influência nunca exagerada na formação do estilo de Vieira. Bem o demonstra, pela estrutura comparativa, tão utilizada por Vieira, o seguinte excerto do *Comentário aos Evangelhos*:

«Sicut enim, ait, in juventute viget corpus, forte et incolume manet pectus, torosa cervix, plena sunt brachia; in annis autem senilibus statura curvatur, cervix exsiccata deponitur, frequentibus suspiriis pectus urgetur, virtus deficit, loquentis verba anhelitus intercidit; nam, etsi languor desit, plerumque senibus ipsa sua salus aegritudo est: ita mundus in annis prioribus velut in juventute viguit ad propagandam humani generis prolem robustus fuit, salute corporum viridis, opulentia rerum pinguis: at nunc ipsa sua senectute

deprimitur et quasi ad vicinam mortem molestiis crebrescentibus crebrius urgetur.»

(«Assim como na juventude o corpo é vigoroso, o peito forte e ileso, a cerviz e os braços musculosos; pelo contrário, nos anos da velhice se curva a estatura, a cerviz mirrada se inclina para a frente, o peito se comprime com frequentes suspiros, faltam as forças, a respiração dificultosa entrecorta as palavras de quem fala, pois, ainda que não haja doença, em geral para os velhos a própria saúde é doença: assim também o mundo nos seus primeiros anos tinha como que o vigor da juventude e era robusto para propagar a espécie humana, pujante de saúde nos corpos, rico da abundância material. Agora, porém, está abatido pela velhice e cada vez mais é impelido pelas doenças crescentes para a morte que se avizinha.»)

As guerras, a ambição, a simonia, a corrupção do clero, tudo são sinais, negativos, de que o fim está próximo. Mas há um sinal, este positivo, e que é como que o tema da *Clavis Prophetarum*: a pregação universal do Evangelho a todos os povos, de que depende a instauração do Reino de Cristo na Terra.

Chegado a este ponto, Vieira faz a leitura desse sinal positivo na história recente: a acção desenvolvida pelos Portugueses e pelos missionários em geral. É um texto longo, construído sobre a antítese *nós, eles*, em que se compara a acção dos Apóstolos com a dos missionários, bem mais épica a destes que a daqueles. Vou ler uma pequeníssima parte desse texto:

Nos [...] navigando ab Europa solvimus, et longissima maria emensi, tempestatum vi jactati, in eundem portum saepe remeare cogimur. De illis autem tamquam alatis mirabundus dicebat Isaias 60, 8: «Qui sunt isti, qui ut nubes volant, et quasi columbae ad fenestras suas?» Nos cum

fluctibus, cum scopulis, cum hecnephiis, cum nubibus inter fulgura, et fulmina horrendum tonantibus, et cum tota ipsa natura pene debacchante pugnantes. Illi vero supra marinos vortices placido gradu incedentes, vel lentius ibant, vel momento, si oporteret, ut de Apostolo Thoma legitur, ferebantur: nos e patria exeuntes multi alienorum climatum novitatem, intemperiemque experti, et resistendo impares, insanabilibus morbis correpti, et in ipso mari sociis non semel sepultis ad optata littora pauci devenimus; cum tamen illi sani, et vegeti, onerique, aegritudini, ac pestilentiae superiores, nihil quod cursum suum impediret obviam, seu quod vires frangeret, aut enervaret, adversum sustinebant.

(Nós, [...], largamos da Europa navegando, e, percorrendo longuíssimos mares, apossados pela violência das tempestades, muitas vezes somos forçados a regressar ao mesmo porto. Deles, como se tivessem asas, dizia Isaías cheio de admiração (Is. 60, 8): Quem são estes que voam como nuvens e como pombas para os seus pombais? Nós, lutando com as ondas, com os escolhos, com os tufões, com as nuvens trovejando horrendamente, entre raios e coriscos, e com toda a natureza quase em delírio: eles, caminhando a passo tranquilo sobre a crista das ondas, ou iam lentamente, ou, se fosse necessário, eram levados num só momento, como se lê do Apóstolo Tomé. Nós, saindo da pátria em grande número, sofrendo a novidade e a intempérie de climas estranhos, não preparados para resistir, atingidos por doenças incuráveis, e mais que uma vez dando no mar sepultura aos companheiros, em pequeno número chegamos às praias almejadas: ao passo que eles, são e robustos, superiores ao cansaço, à doença e à peste, nada tinham de adverso que lhes barrasse o caminho ou que lhes quebrasse ou diminuísse as forças.)

E mais adiante:

Nos enim cum tandem ad Barbarorum sylvas, saltusque pervadimus, muti et surdi penitus invenimur; muti, quia loquendo non intelligimur; surdi, quia audiendo non intelligimus; gravissimo propterea oneri incumbere coacti, vel pene succumbere, difficillima scilicet, et obscurissima eorum idiomata nullo aliquo exemplari, aut face praevia ediscendi, novarum grammaticarum abstrusissimas formas e fundamentis eruendo, et quasi prae caligine divinando: cum Apostoli e contra omnium gentium loquelas sine labore et studio repente edocti, et verborum facundia proflui, ut canit Ecclesia, ea quidem felicitate, ac facilitate, caelitus praediti, ut in uno linguarum ignearum instrumento omnes muneris sui secum portarent effectus linguarum, ut ab auditoribus intelligerentur, ignearum, ut eos simul illuminarent, atque accenderent.

(Quando, finalmente, percorremos selvas e florestas em direcção à barbárie, achamo-nos completamente mudos e surdos; mudos, porque falando não somos entendidos; surdos, porque ouvindo não entendemos; por isso, somos forçados a incumbir-nos, ou quase a sucumbir, da pesadíssima tarefa de aprender as suas difícilimas e obscuríssimas línguas, sem nenhum guia ou luz que nos oriente, arrancando dos fundamentos as formas totalmente abstrusas das novas gramáticas e, de tão obscuras, como que adivinhando-as: quando aos Apóstolos, pelo contrário, foram ensinados num momento, sem esforço nem estudo da sua parte, os dialectos de todos os povos. Eles, fluentes no uso das palavras, como canta a Igreja, divinamente providos de tal felicidade e facilidade que, num só instrumento, o das línguas de fogo, transportavam consigo todos os efeitos do

seu ofício: o efeito das «línguas», para que fossem entendidos pelos ouvintes; o efeito de «fogo», para que ao mesmo tempo os iluminassem e inflamassem.)

Ao tom épico e emotivo com que Vieira descreve a gesta missionária, vem juntar-se o tipo de construção e desenvolvimento do discurso não de todo isento de um certo convencionalismo, que recorda a simetria de processos usados nas aulas de composição literária. Da mesma maneira que encontrámos outros tipos de influências escolares, num conjunto de silogismos como o que se segue. Este merece ser mencionado pela conclusão a que chega:

ergo non potest divina providentia non providere et suppeditare iisdem Gentibus ea media, quae ad Deum invocandum sunt necessaria; atqui Gentes verum Deum penitus ignorant: ergo Deum non possunt recte invocare, nisi cognoscant, nec rite cognoscere, nisi credant; nec credere sicut oportet, nisi de eo audiant et edoceantur; nec edoceri nisi habeant Doctores, seu Praedicatores; nec Doctores et Praedicatores ipsis praedicare, et eos docere nisi mittantur.

(portanto, a Divina Providência não pode não prover e não proporcionar aos mesmos gentios os meios que são necessários para invocar a Deus; ora, os gentios ignoram completamente o verdadeiro Deus; logo, não podem invocar rectamente a Deus, se não o conhecerem, nem conhecer convenientemente, se não crerem; nem crerem como convém, se não ouvirem falar dele e não forem ensinados; nem serem ensinados, se não tiverem mestres e pregadores; nem os mestres e pregadores podem pregar-lhes e ensiná-los, se não forem enviados.)

Este é outro dos processos discursivos típicos de Vieira na *Clavis*. A conclusão, após longo debate, e contestação das opiniões

contrárias é uma das agudezas típicas do conceptismo barroco: «Deus providenciou, mas providenciou não providenciando». Ouçamos Vieira mais uma vez:

Quid ergo crederem? Crederemne tot millia millium animarum turmatim in infernum ruere aeternis ignibus crucianda? Cum igitur nefas esset credere divinam illis providentiam defuisse, et ex alia parte rationem aut modum talis providentiae invenire non possem, in eam tandem mentem incidi, ut Deum quidem illis providisse crederem, sed providisse non providendo.

(Que devia, pois, crer? Havia de crer que tantos milhares de almas cairiam em chusma no Inferno para serem torturadas pelas chamas eternas?

Sendo, portanto, sacrilégio crer que lhes tinha faltado a Divina Providência, e, por outro lado, não sendo eu capaz de encontrar uma razão ou modalidade de tal Providência, vim parar à ideia de que podia crer que Deus lhes providenciou, mas providenciou não providenciando.)

E chegou a altura de concluir. Diante de nós passam, na *Clavis Prophetarum*, os mais variados processos de composição, desde o tratamento delicado e subtil dos processos retóricos tradicionais dos tropos e figuras, aos grandes quadros desenhados como se fossem figuras geométricas multifacetadas. Dominam as subtilezas de raciocínio e a agudeza dos conceitos. A estrutura demonstrativa está ao serviço da persuasão. Cruzam-se a dialéctica e a retórica, como se se tratasse de um puro exercício escolar. Mas quando se trata de falar da experiência pessoal, Vieira esmera-se com grande simplicidade em atingir os cumes da épica. Ainda que longo, vou transcrever um desses textos, digno de figurar numa antologia. Fala-se de viagens, das viagens dos descobridores e dos missionários, por terra e por mar.

Primeiro a descrição da viagem por terra, com todos os seus perigos:

Et quidem si terrestri, per deserta invia et inaquosa, in siti et fame, per saxa inhospita, rupes altissimas atque acutas, per solutas ardentisque arenas, anguibus passim ebullientes, per ingentes fluvios absque navi trajiciendos, per lacus ac paludes crocodilis, et aliis monstris infectas, per immania arundineta spinis palmaribus horrida, per lucos denique clausos atque obscuros, solisque radiis nunquam pervios, leonibus, tigribus, elephantibus, hominibusque habitatos, de quibus merito disputari potest, quinam illorum ferociores sint, vel ferarum nomine digniores, cum de quolibet praedicatore, qui eo pervenerit, una omnium vox atque fames sit, longe diverso appetitu, quam servorum Job (Job 31, 31): Quis det de carnibus ejus ut saturemur?

(se for por terra, é através de invios sertões sem água, na sede e na fome, através de penhascos inóspitos, penedias altíssimas e alcantiladas, através de areias soltas e escaldantes, fervilhando de serpentes a cada passo, através de enormes rios que têm de ser atravessados sem barco, através de lagos e pântanos infestados de crocodilos e outros monstros, através de terríveis caniçais eriçados de picos de palmeira, através, finalmente, de florestas cerradas e obscuras, nunca acessíveis aos raios do sol, habitadas por leões, tigres, elefantes e seres humanos, a respeito dos quais se pode com razão discutir quais são mais ferozes ou mais dignos do nome de feras, quando, em relação a qualquer pregador que chega, é apenas uma a voz e a fome de todos, com um apetite muito diferente do dos servos de Job (Job 31. 31): Quem nos deixará saciar-nos da sua carne?)

Neste texto, não há praticamente recursos retóricos além da acumulação. As expressões utilizadas, uma após outra, estão por si mesmas carregadas desse sentido épico que resulta do esforço para vencer as dificuldades que se deparam. Fixemo-nos apenas na série de substantivos: «deserta», «saxa», «rupes», «fluvios», «lacus», «paludes», «arundineta», «lucos». A descrição não se refere apenas ao Brasil, onde não há tigres, nem leões, nem elefantes. Cada um destes substantivos vem acompanhado de um adjectivo ou de um complemento que enfatizam os obstáculos e as dificuldades a vencer: «invia», «inaquosa», «inhospita», «altissimas», «acutas», «solutas arduentesque», «anguibus ebulientes», «ingentes», «crocodilis et aliis monstribus infectas», «immania», «horrida», «clausos», «obscurus», etc. No final, uma referência, muito velada, ao canibalismo. É possível que a redacção inicial tivesse «non longe diverso appetitu». O «non» desapareceu. Com a acumulação e com a adequação do significado do adjectivo ao substantivo a que se junta, com a anáfora de «per», Vieira consegue um efeito épico extraordinário.

Se a viagem se faz por mar, muitas vezes sucede que logo à saída da barra se desfaz a nau contra os rochedos, acabando-se «no mesmo momento a viagem e a vida». Dois extremos, duas realidades aproximadas entre si pelo conceito de fim e de morte. Depois vem uma descrição em dois parágrafos. No primeiro, ressoa algo de Vergiliano:

Procul vero a terrae conspectu, cum nihil jam videre licet, nisi maria undique, et undique caelum, in eo vastissimo campo vel cum singulis ventis pugnandum est, vel cum omnibus inter se dimicantibus, nullo nisi digitalis tabulae muro navem ac navigantes defendente, raro a periculis tutos, a timore autem nunquam securos.

(Afastando-se da terra, quando já nada se logra avistar senão mar e céu de todos os lados, nessa vastíssima planície

teremos de lutar com cada um dos ventos em particular, ou com todos batalhando entre si, sem muralha, a não ser a da tábuca, com um dedo de espessura, que defende a nau e os navegantes, raramente protegidos do perigo e nunca seguros do medo.)

Os parágrafos seguintes, mais declamatórios, vivem da anáfora e do poliptoto *timendae, timendi, timendus* (*temíveis, temível*):

Timendae ecnephiae, timendae presteres, timendi typhones, [...] Timendus Pleiadum Aquariiue ortus, timendus nimbosus Orion, [...] Timenda immania promontoria [...] Timendae Syrtes, latentes, [...] Timendae denique Scyllae, timendae Charybdes [...]

Temíveis são os furacões; temíveis, as trombas marítimas; temíveis, os tufões, [...] os três mais horríveis flagelos do oceano, que, fazendo girar não apenas as velas mas as próprias naus, as despedaçam e afundam. E às vezes, arrastando-as num turbilhão, levam-nas consigo para as alturas e, pegando-lhes o fogo, queimam-nas. Temível é o nascer das Pléiades e do Aquário, temível o chuvoso Oríon, trazendo muitas vezes a noite e o Inverno pela ordem inversa da natureza, ou seja, o Inverno no meio do Verão, a noite ao meio-dia. Temíveis os ameaçadores promontórios batidos continuamente por vagas enormes, com maior perigo sobretudo quando têm de ser dobrados, soprando um vento de uma banda, outro de outra banda, sem que os marinheiros e as velas, virando-se para os dois lados, saibam aonde e a qual convém acudir, com o que muitas vezes entram em rodopio. Temíveis os bancos de areia, ocultos e escondidos, nos quais infortunadamente esbarram os vasos náuticos e, uma vez rompido o casco, que é como a espinha dorsal de todo o corpo, imediatamente se dismantela a juntura dos

restantes membros. Temíveis, enfim, as Cilas; temíveis as Caríades, em cuja dureza rebentam as ondas e, quando quebram e se desfazem, até o mar naufraga, como disse o declamador romano.

São nove repetições, cujo resultado é de uma solenidade fônica grandiosa construída com as sílabas finais longas e arrastadas em *-endi, -endae, -endus, -endum, -entes, -ant, -unt*. É um texto bem conseguido, quase onomatopaico. Vieira insinua que está a imitar as técnicas da descrição das tempestades dos poetas clássicos: «dictum est a Romano declamatore». E também declara que na frase seguinte está a citar S. Jerónimo:

Magnos montes planities ista tegit, ut ait divus Hieronymus, qui ad flatum ventorum, veluti ex insidiis emergentes, elati minantur navibus, cadentes premunt, aperti exorbent, atque in uno simul feretro integer repente populus sepelitur.

(Essa planície esconde grandes montanhas, como diz S. Jerónimo, que, ao sopro dos ventos, emergem como que de uma cilada, e, elevando-se, ameaçam as naus; caindo, esmagam-nas; abrindo-se, engolem-nas; e apenas num só féretro, ao mesmo tempo, de repente, são sepultados todos os passageiros.)

Vieira pode remeter para quem quiser. Pode revelar influências escolares puramente declamatórias. Mas a associação entre navio e caixão, entre vida, viagem e morte, não deixa lugar para dúvidas quanto à matriz estética em que se insere.